

EVIE WOODS

A MISTERIOSA PADARIA
NA RUE DE PARIS

Tradução de
Luís Filipe Silva

Singular

A todos os que têm gosto pela magia

Prólogo

Aninhada no meio das ruas empedradas de Compiègne, havia uma padaria em nada igual às outras. Quando os clientes cruzavam a porta de entrada, encontravam alimento, não só para o estômago, mas também para a alma. À suave luz do amanhecer, o padeiro iniciava o dia na cave com as mãos cobertas de farinha, acrescentando à massa um ingrediente secreto.

Não tardou a que por toda a cidade circulassem rumores a respeito da misteriosa padaria cujos bolos tinham um sabor mágico capaz de expulsar até a mais sombria mágoa. Uma mera dentada num *croissant* poderia trazer sorte, desbloquear uma recordação preciosa ou revelar anseios ocultos.

Mas no horizonte cresciam nuvens muito escuras e, quando veio a guerra, tudo mudou.

Um

A receita para a desgraça não precisa de muitos ingredientes. Basta uma porção pouco saudável de ilusões, misturadas com uma generosa dose de não-te-preocupes-que-havemos-de-chegar-lá no que à interpretação de mapas diz respeito. Junte-se a isto uma pitada de desespero, entretanto destilado pela vontade intensa de mudar de vida, e obtém-se a fórmula perfeita para a minha situação atual: barricada dentro de um cubículo, numa casa de banho na Gare du Nord, acompanhada apenas pela vergonha. Nem sequer sabia quando – ou se – sairia dali, e, portanto, optei por reviver a sequência de acontecimentos que me conduziu à atual circunstância para assim me sentir ainda pior.

A tempestade caía com força quando finalmente cheguei ao Aeroporto de Dublin. Do céu cor de chumbo jorrava uma furiosa torrente de água sobre as pistas e os edifícios, como se até os Deuses criticassem a minha decisão de partir.

– Paris? Em França?

– Sim, pai, já falámos do assunto um milhão de vezes, e eu gostaria muito que parasses de te referir à cidade como se ficasse nos confins da Mongólia.

Enquanto voltava a verificar, pela enésima vez, se tinha trazido o passaporte, o *Ford* velho, mas fiável, parou diante da zona das Partidas.

– Não foi com intenção, Edie, é que... – ele hesitou, esfregando a barba rala de início de dia, completamente atento à minha reação.

– Mas ‘tás mesmo certa disto? Partires sem mais nem menos para

França é uma atitude meio drástica. Não preferes, sei lá, arranjar um gato?

Que bom. Pior do que ter uma crise de identidade era vê-la confirmada pelo nosso próprio pai. Tirei o telemóvel da carteira e verifiquei que o voo não estava atrasado.

– Tenho de ir. Ouve, vai tudo correr bem comigo, e contigo também.

– Eu é que devia dizer-te isso – comentou ele, um pouco envergonhado.

Não era a primeira vez que os nossos papéis se invertiam. Bem antes do tempo já eu era fluente no mundo das emoções dos adultos, razão pela qual vi necessidade de tomar esta atitude drástica: lançar-me sem medos e descobrir quem é que eu poderia ser, livre da carga do passado. Respondera ao anúncio na *internet* com um sentimento de plena confiança. Encontrara-o naquela noite, depois de uns copos de vinho, em que sonhava com a habitual fantasia de viver no estrangeiro. Entrara na página *Empregos Ingleses em França*, escrevera «Paris» e, de repente, surgiu isto:

Precisa-se de gerente-adjunto(a) para uma pequena padaria pitoresca em Paris.

Asseguramos alojamento. Conhecimentos de inglês obrigatórios.

Sentara-me na cama, concentrada nas palavras. Eis um trabalho que me via capaz de fazer. Uma atividade em que eu sabia que me podia destacar, não obstante a barreira do idioma. A imaginação encheu-se de imediato com visões de uma *boulangerie* chique e sofisticada num dos finos *quartiers* de Paris; moderna, mas com um toque clássico.

Para ser franca, a rapidez com que consegui o emprego até a mim me surpreendeu, e sem uma entrevista decente. Nem podia acreditar na minha sorte. Um quantas perguntas disparadas ao telefone a fim de confirmar a fluência do meu inglês e a minha experiência na área da restauração, e pronto. O meu percurso profissional tinha-se, mais ou menos, enfiado num beco sem saída. Nunca percebi, realmente, o que queria fazer na vida, acabando por servir à mesa num café. Originalmente, era uma ocupação temporária;

uma forma de escapar às pressões domésticas e de amealhar algum dinheiro enquanto decidia o meu rumo. Mas o tempo foi passando, e o meu futuro foi-se tornando cada vez menos nítido, e aquele emprego era o único fator estável a que me podia agarrar. Aos trinta anos, simplesmente não me imaginava a fazer outra coisa. Até Paris surgir no meu caminho.

Já dentro do aeroporto, procurei distrair-me da desastrada despedida do meu pai ao escolher entre um *blush* da *Mac* e um *eyeliner* líquido. Normalmente, não compraria artigos daqueles, mas o que me esperava era Paris. Tinha de me mostrar à altura. E foi então que ouvi uma rapariga quase sem fôlego entoar ao altifalante:

– Última chamada para a passageira Edith Lane, com destino a Paris no voo EI754. Por favor, dirija-se de imediato para a porta de embarque número nove, que está prestes a encerrar. Obrigada.

Agarrei em ambos os produtos, praticamente atirei o dinheiro à empregada da loja, e corri para o avião. Era a minha grande aventura e tencionava aproveitá-la ao máximo. Muitos foram os filmes antigos que ao longo dos anos vi com a minha mãe, suspirando de inveja perante a elegância de atrizes como Grace Kelly ou Audrey Hepburn, encarnações das mulheres destemidas e confiantes que eu um dia esperava vir a ser. Aqueles momentos em que nos deitávamos juntas no sofá, ouvindo os velhos discos de *jazz* da minha mãe, imaginando o dia em que eu ganharia coragem e me tornaria a estrela do meu próprio filme, traziam-me recordações agrídoces. Porque foi quando eu estava pronta para sair do ninho que ela mais precisou de mim. A minha mãe jamais mo teria pedido, mas cuidar dela era-me tão natural como respirar. Foi durante esse período que aqueles filmes – *Alta Sociedade*, *Boneca de Luxo* – se tornaram o nosso escape. Mais recentemente, os meus contributos foram *O Fabuloso Destino de Amélie* e *Moulin Rouge*, pois criavam um mundo de fantasia intemporal no qual podíamos fingir que a nossa realidade era outra.

Estou obcecada com a cidade do amor desde que me lembro. A lua de mel dos meus pais foi em Paris e eles sempre falaram da cidade como se fosse o local mais mágico deste mundo. Quando precisávamos de alguma alegria, íamos buscar o álbum de fotografias

e a minha mãe punha-se a descrever todos aqueles fabulosos sítios que haviam visitado. O francês foi a língua estrangeira que escolhi como opção na escola, e não me calava com a ideia de, um dia, viver em Paris. O meu pai, chefe de pastelaria, prometera sempre que haveríamos de ir lá, a família toda. Mas há promessas que não conseguimos cumprir, por muito que tentemos.



Enquanto a chuva fustigava, incessante, a janela oval do avião, reparei num homem alto com cabelo prateado, que varria os assentos com o olhar, em busca do seu lugar. Havia algo naqueles olhos azuis penetrantes que me chamou a atenção. Tentei fazer um ar indiferente, embora convidativo, e, para meu grande espanto, ele correspondeu ao sorriso e virou-se habilmente, ocupando o lugar ao meu lado.

É agora, pensei, um encontro ocasional a sério e ainda nem levantámos voo!

Ele despiu o casaco, exibindo um colarinho branco inconfundível e uma cruz no peito da camisa.

– Importa-se que me sente aqui? – pediu educadamente.

– De modo algum, padre – suspirei, dececionada.

Bem, ao menos Deus iria ter este avião debaixo de olho. E ainda bem, pois ao subirmos com esforço para o céu irado, eu e os meus companheiros de viagem recitávamos preces silenciosas sempre que a lata voadora saltava com a turbulência. Os bebés choravam, as crianças lamuriavam-se e eu roía as unhas, ansiosa, perguntando-me porque teria o universo escolhido este dia para soltar uma tempestade.

– Sente-se bem? – perguntou o elegante padre ao meu lado, sobressaltando-me de um torpor criado pelo medo.

– Quem? Eu? Sim, sem dúvida, estou esplêndida – tranquilizei-o, garantidamente satisfeita por ter um clérigo junto a mim.

– Não tem motivos para se preocupar – continuou ele, fechando o romance policial de Ken Bruen que estava a ler. – Já dei uma espreitadela ao final desta história, e vamos chegar ao nosso destino em segurança.

A afirmação, acompanhada de um piscar de olho malicioso, fez-me rir e fiquei automaticamente mais descansada.

– O que vai fazer a Paris? – perguntou ele.

– Começar um novo emprego: gerente-adjunta numa pequena padaria.

– Bem, isso é muito interessante. Não é incrível que não tenham conseguido encontrar em Paris quem fizesse esse trabalho? – disse ele, maravilhado, abanando a cabeça.

Peculiar era o facto de tal questão nunca me ter passado pela cabeça, e irritou-me que tivesse sido ele a detetar uma estranheza tão óbvia. Sorri educadamente, concordando, mas por dentro ergueu-se uma montanha de dúvidas a respeito da minha nova vida. Na verdade, que sabia eu sobre o lugar para onde ia? E porque me teriam oferecido um emprego a despachar, sem uma entrevista?

– Tem família em Paris? – perguntou, não tendo terminado o interrogatório.

– Não, família, não. Vou por minha conta e risco – respondi num tom vivaço, mas que parecia forçado.

– É realmente corajosa – comentou.

Não estava certa de continuar a gostar daquele tipo. Cada comentário seu arrasava-me por completo. Anuí ligeiramente com a cabeça e desviei a atenção para a janela, acabando de forma pouco oficial com a nossa interação.

Um relâmpago iluminou o interior da aeronave com um clarão ofuscante, silenciando os passageiros por um segundo e intensificando os choros das crianças.

Oh, merda, pensei, esta é a paga por teres sido má para o padre. Mantive os olhos fechados, e, sem saber porquê, apertei a carteira contra o peito, como se fosse precisar dela caso o avião caísse. Murmurei baixinho:

– Ajuda-me, mãe, ajuda-me.

Por entre estalidos do intercomunicador, o capitão anunciou finalmente que estava tudo bem, e que já havíamos iniciado a descida para o Aeroporto Charles de Gaulle.



Ainda sou capaz de ver o rosto daquela senhora adorável, Julie, a proprietária da *boulangerie* na Rue de Compiègne. Reconheci imediatamente a fachada: passara tempo suficiente a babar-me com as fotografias da loja no Instagram. Ao atravessar a rua, conseguia ouvir uma melodia no ar. Um trio de músicos tocava aquela clássica música *jazz* que eu havia guardado nas minhas inúmeras *playlists*, como se o país tivesse uma banda sonora. Um dos músicos, sentado, apertava o acordeão, outro dedilhava uma guitarra, enquanto um homem alto e magro, com boina, arranhava o contrabaixo. Eu estava em Paris! Mas depois de uma conversa hesitante numa mistura de inglês e francês macarrônicos, o meu erro estúpido tornou-se claro.

– *Désolée, mais je crois que vous vous trompez* – disse a Julie, enquanto organizava chávenas numa bandeja que a empregada levaria para uma mesa com quatro clientes.

Tromper, eu conhecia o termo... *Se tromper*: enganar-se. Puxei do telemóvel e exibi o anúncio a que havia respondido. A Julie baixou os óculos que trazia encavalitados na cabeça e fitou o ecrã.

– *Ah, voici La Boulangerie sur la Rue de Compiègne. Vous cherchez La Boulangerie sur la Rue de Paris. A Compiègne.*

As emoções desataram num turbilhão de embaraço e pânico. Até as minhas nádegas deviam estar coradas. O meu francês podia ter falhas, mas percebi o que ela disse. Tinha entrado na padaria errada. Pior ainda: era como se tivesse, entretanto, desenvolvido raízes. A Julie aguardava que eu saísse, pois não tinha mais a dizer, mas eu não era capaz de mexer um dedo. Sentia-me totalmente esgotada. E onde raios ficava Compiègne?

A empregada regressou ao balcão com a bandeja já vazia e, ao ver a minha expressão, deve ter-se condoído de mim.

– Eu falo um pouco de inglês. Posso ver?

Quase chorei perante esta demonstração de bondade. *Não te vás abaixo, Edie*, avisei-me. Não queres fazer aqui uma cena, pois não? Ela fitou o ecrã e anuiu afirmativamente. *Graças a Deus*, pensei para comigo, *haja alguém que sabe onde é que eu devia estar.*

– Tem de apanhar o comboio para a Compiègne, fica uma hora a norte de Paris mais ou menos.

– Desculpe, disse uma hora a norte de Paris? Não, tem de haver um equívoco. Vim ocupar um cargo na Boulangerie et Pâtisserie de Compiègne... em Paris – disse, sentindo-me um tudo-nada menos confiante.

– Posso mostrar-lhe, se quiser – ofereceu-se ela, tocando no mapa do ecrã. – Veja, ficá no departamentô de Oise, na região de Picardy, sim? *Vous voyez là?* – perguntou, apontando para o mapa.

– *Oui, je vois*, sim – murmurei em resposta, com uma angústia na alma. Afinal, não iria viver e trabalhar em Paris. E se isto era verdade, em que outros aspetos fora eu induzida em erro? A jovem prestável prosseguiu, anotando o percurso, pois eu devia ter um ar completamente perdido. Além disso, o que significava um «departamento» quando se estava em casa?

– *Alors, nous sommes juste à côté...* estamos mesmo ao lado da Gare du Nord – garantiu-me ela.

Aí poderia apanhar um comboio e rumar à padaria onde realmente me aguardava um emprego. Talvez. Será que existia mesmo? Podia ser uma fraude? Agradei a ambas e segui as suas indicações até à estação ferroviária, na qual me sentei, entretanto, num cubículo da casa de banho, a chorar.



– Muito bem – disse eu para comigo.

Havia de encontrar uma solução. Não tencionava passar a noite numa casa de banho. Apetecia-me tanto ligar para casa, mas não queria que o meu pai ficasse a saber que afinal tinha razão e que tudo isto não passara de um plano idiota para me reinventar (ainda que fosse a mais pura das verdades). O meu dedo pairou sobre o número da minha amiga Gemma. Havíamos começado a trabalhar as duas no mesmo café e no mesmo dia, e ela acabara por tornar-se o mais próximo que eu tinha de uma grande amiga. Mas nem a Gemma chegou a conhecer quem eu realmente era. Tanto me forcei a estar sempre alegre em casa, que era essa a personalidade que mostrava quando convivía com outras pessoas. Percebi então que também não lhe podia ligar. A Gemma ficara tão entusiasmada por

eu ir ao «encontro do meu eu verdadeiro»... como teria coragem de dar o dito por não dito e confessar-lhe a verdade? Nem eu sabia qual era o meu eu verdadeiro, e a Gemma, certamente, não estava aqui comigo. Não. Chegara a hora de tomar as minhas próprias decisões e deixar de supor o que fariam os outros caso estivessem no meu lugar. Primeiro, tinha de descobrir se o emprego a que me havia candidatado existia de facto.

Descobri o contacto da *Madame* Moreau – a minha futura patroa na padaria – e depois de vários toques, quando parecia que o meu coração tinha parado de bater, ela atendeu.

– *Âllo?* – surgiu uma voz de cana rachada.

Recordei as palavras que estive a praticar e respondi.

– Ah, *oui*... Olá, eh, *bonjour, Madame* Moureau... ah, *ici* Edith Lane? – tencionava terminar todas as frases com uma pergunta, em jeito de «Entendeu?». Embora tivesse passado as últimas semanas a marrar nas *apps* que ensinavam línguas e a assistir vezes sem conta ao *Fabuloso Destino de Amélie*, o meu nível de francês soava penosamente inadequado.

– *Que voulez-vous?*

– Sim, bem, *je suis* aqui, em Paris, e, ah, a senhora não está aqui. Silêncio.

– *Je cherche la boulangerie...?* – a minha voz tremia.

– Ah, *vous êtes la fille qui va travailler dans la boulangerie, c'est ça?*

– *Oui*, sim, a rapariga que contratou para trabalhar na padaria. Sou a Edith, da Irlanda... *Irlandaise!* – suspirei de alívio por ela ter reconhecido o meu nome. Não estava doida. O emprego existia mesmo.

– *Vous devez aller à la Gare Du Nord, et vous prenez le train à Compiègne, d'accord? A plus tard alors.*

– Sim, não, essa parte eu já sei, é que... – a linha foi cortada. – Eh, está? *Âllo, Madame* Moreau?

Soltei um suspiro de indignação.

– Muito bem, tenho de pesquisar no Google, é isso? – Pronto, agora comecei a falar comigo mesma em voz alta.

Procurei a localização da padaria, e os resultados indicaram uma pequena rua sem nome.

– Bem, isto não pode estar correto – comentei, semicerrando os olhos. Como se ainda não bastasse, provavelmente precisava de óculos. Outro sinal indesejado de que os anos passavam contra a minha vontade. Guardei o telemóvel na mala e aproveitei esta irritação como força motriz para sair do cubículo e ir em frente.

Encarei-me ao espelho, deparando-me com uma desgraçada visão. O coque rotundo que tinha composto com todos os cuidados, de manhã cedo, desmanchara-se por completo; o meu casaco chique de cor creme estava amarrotado; e o *eyeliner Mac* que comprara no aeroporto tinha esborratado e escorrido, oferecendo-me uns olhos de panda. Confrontada com a aparência desgrenhada e desfeitos os meus sonhos, comecei a fazer beicinho.

– Olha, és uma mulher adulta, vê se te recompões! – berrei, dando-me uma palmada rápida na cara.

Só piorou: além de triste, agora estava dorida.

– Certo, tentemos outra abordagem. Ninguém disse que ia ser fácil – recitei para mim própria, como um audiolivro de autoajuda. – Todas as heroínas são obrigadas a enfrentar obstáculos no caminho, e é o que isto significa: um mero obstáculo. – Falar num tom de voz positivo começou a acalmar-me, e assim tirei um lenço de papel para tentar reconstruir uma fachada confiante, recorrendo à maquilhagem. – Pronto, não viverei uma vida parisiense cheia de *glamour* – murmurei –, mas Compiègne não deve ficar assim tão longe e, quem sabe, talvez seja a zona mais pitoresca de França – senti-me logo mais animada. Além disso, que pessoa seria eu se desistisse da minha grande aventura antes sequer de ter começado?

Foi nesse preciso instante que uma mulher saiu do outro cubículo e me lançou um olhar de desconfiança.

– Oh, não faça caso, estou só a falar comigo própria! – brinquei, sendo presenteada com uma expressão empedernida.

Já me tornara um sucesso entre as francesas, isso era evidente.



– *Alors*, o comboio parrrte de quarrto em quarrto de horra, e o bilhete custá doze euros e cinquenta cêntimós – disse a mulher na

bilheteira, que teve pena de mim e começou de imediato a falar inglês. – Desejo-lhe boa viagem, *Madame*.

– *Mademoiselle*, para ser mais exata – respondi, tentando concentrar-me no mapa que ela me entregou, repleto de estranhos nomes de ruas e números de portas.

Apanhei o comboio da linha Paris-Saint-Quentin para Compiègne. Sentei-me à janela, embora o céu já começasse a escurecer, e, à medida que o comboio se afastava da estação, as luzes de Paris faiscaram uma despedida luminosa. Monumentos dourados, fontes das quais a água jorrava com abundância e bandeiras de riscas vermelhas, brancas e azuis hasteadas orgulhosamente em todos os edifícios. Já estava a abandonar Paris. Encostei a cabeça ao vidro e tentei encontrar um lado positivo, por muito pequeno que fosse. Evoquei todos os filmes antigos que assistira ao lado da minha mãe. A história nunca corria bem e as pessoas boas não alcançavam os seus objetivos, a não ser, talvez, no final. Tinha de acreditar que, mesmo havendo buracos na estrada, este percurso valeria a pena. Talvez nada disto fosse para realizar sonhos (mas seria simpático que se concretizassem). Talvez fosse, de facto, para me tornar o tipo de pessoa que vai atrás deles, aconteça o que acontecer. Bem, não tardaria a descobrir.

Peguei no telemóvel e liguei para o número que reservava para as situações muito especiais – quando o meu coração precisava de um abraço. Cheguei de imediato ao *voice mail* e ouvi a voz da minha mãe a cantar.

*Smile, though your heart is aching,
Smile even though it's breaking,
When there are clouds in the sky, you'll get by,
If you smile through your tears and sorrow,
Smile and maybe tomorrow,
You'll see the sun come shining through, for you...¹*

¹ Sorri, ainda que te doa o coração, / sorri, ainda que esteja partido, / mesmo com nuvens / no céu, hás de sobreviver, / continua de sorrir, contra as lágrimas e a mágoa, / sorri e talvez amanhã, / o sol desponte no alto, só para ti... (*N. do T.*)

Dois

O céu estava totalmente escuro quando o comboio parou na estação de Compiègne. Sentia-me exausta e esfomeada enquanto vestia o casaco e me preparava para entrar mais uma vez no desconhecido. Ao descer para a plataforma, reparei num rapaz, que parecia ter uns quinze anos, sentado num dos dois bancos existentes. Estava distraído com um jogo de vídeo, e só quando as rodinhas da mala anunciaram a minha presença é que levantou os olhos escondidos pelo capuz.

– *Pardon, Madame?* – gritou.

O meu instinto disse-me para continuar a andar e, portanto, fingi que não o ouvira, seguindo o meu caminho.

– *Pardon, êtes-vous Madame Lane?* – insistiu ele, e então parei e virei-me para trás.

– Ah, sim. Perdão, *oui*. E tu és?

– *Je m'appelle Manu. Madame Moreau m'a envoyé vous chercher.*

– *Oh, bonjour* – disse eu, conseguindo entender a custo todo o francês que ele disparara.

Chamava-se Manu e, ao que parecia, fora a *Madame Moreau* quem o mandara à minha procura. Certo. E, entretanto, ele já me tirara da mão a pega da mala e caminhava para o exterior da estação.

– Mas, espera, eu... – as minhas palavras fizeram ricochete nas suas costas desatentas. Já era demasiado: não aguentava mais. Estava cansada, cheia de fome e farta de ser tratada como uma imbecil neste país.

– Olha, puto, para e ouve, pode ser? Passei todo o dia em viagem para chegar aqui, quase nos despenhávamos por causa de uma tempestade, por isso acho que o mínimo é dizeres-me exatamente para onde me levas, em vez de me conduzires como uma ovelha! – Pronto, soube mesmo bem, e tive a certeza de que não lhe deixara dúvidas sobre o meu carácter.

Ele virou-se, muito descontraidamente, e limitou-se a informar:

– *La boulangerie* – como se fosse a coisa mais óbvia do mundo, o que, na verdade, até era. Fez-me sinal para que o seguisse, e retomou o caminho com a minha mala novinha em folha a rolar atrás de si.

– E, para que saibas, é *Mademoiselle!* – terminei, fazendo questão de ter a última palavra.

Alcancei por fim este guia encapuzado quando entrámos numa velha rua empedrada. O local parecia deserto e estava a anos-luz do meu sonho parisiense. Ainda assim, tinha um encanto antigo e, apesar do frio e da escuridão, tentei de tudo para adotar uma atitude otimista face ao que me esperava.

– Uma chávena de chá quente e as coisas irão melhorar – disse para mim própria.

Avançámos ao longo de um rio, ladeado por bancos e árvores bem cuidadas, atravessado por pontes ornamentadas que iam dar sabe-se lá onde. Duvidava muito de que pudesse vir a sentir-me em casa ou sequer ambientada neste lugar e, se tivesse um cão, ter-lhe-ia dito que já não estávamos no Kansas. Ao dobrar a esquina, fiquei espantada por ver uma rua cheia de casas com estrutura de madeira, como se tivesse viajado para a Inglaterra dos Tudor. A zona antiga da cidade era como uma vila num conto de fadas, e quase esperei que as paredes fossem feitas de gengibre. Nada parecia ter ângulos retos, e águas-furtadas espreitavam dos telhados enviesados como chapéus pontiagudos.

– *Ici* – anunciou o meu guia secamente. – Aqui.

Por cima da cabeça, discerni uma placa – *La Boulangerie et Pâtisserie de Compiègne* – e numa das pontas do edifício havia outra placa, pequena, a indicar o nome da rua – *Rue de Paris*. Ah, como lamentei ter sido tão ignorante.

– Bem, era mais claro do que a água: uma padaria na rua de Paris.

– *Comment?* – perguntou o Manu com voz arrastada, como se o esforço de falar o deixasse esgotado.

– Nada, esquece, ou como é que se diz... *peu importe?*

Algo entre um resmungo e um fungar foi a resposta que recebi. Ele tinha uma chave e abriu a porta envidraçada da padaria. Senti-me a recuperar o entusiasmo, antevendo a minha nova «carreira» em França. A princípio, reparei nos mosaicos do chão – ornamentados com requinte, pintados em tons de azul-pavão e dourado, exibindo laivos de laranja vivo no meio. O balcão era simples, mas funcional, e obviamente desimpedido ao final do dia. A loja parecia ser suficientemente grande para acomodar três mesas típicas dos pequenos restaurantes franceses e suas cadeiras, todas junto à ampla janela com vista para a rua.

Um grande espelho de estilo *art nouveau*, com moldura em talha dourada, ocupava a parede inteira, do chão ao teto, criando a ilusão de um espaço maior. Vários castiçais banhavam as paredes cor de mel com uma luz *ténue* e, assim que a vista se ajustou, dei de repente com uma mulher de ar robusto, trajando uma saia preta até ao joelho e um casaco de malha a condizer que fazia um esforço admirável para conter o busto avantajado. Cabelos grisalhos enquadravam um rosto amargo que conservava os ecos de uma bondade há muito desaparecida. Contra a minha vontade, dei instintivamente um passo atrás.

– *Madame Lane* – anunciou ela num tom que nem era pergunta nem afirmação.

– Mmhmm, *je suis*, bem, realmente é *Mademoiselle* – debati-me com as palavras. Eram formidáveis aqueles olhos castanhos encoados, apesar da sua estatura pequena.

– *Venez, je vais vous montrer votre chambre.*

Chambre... Ah, sim, o meu quarto. A forma como o disse fez-me sentir que entrara num alojamento vitoriano. Estava a entrar na minha época Jane Eyre.

Com este anúncio, ela caminhou sem fazer ruído para trás do balcão, saiu por uma porta e começou a subir umas escadas bastante íngremes. Virei-me para agradecer ao Manu, mas o rapaz já tinha saído.

– Bem-vinda a França, Edith – murmurei, agarrando na mala.

Segui atrás da *Madame* Moreau pelas escadas. Lutei sem sucesso com a minha mala, que batia contra as paredes estreitas, mas acabei a levá-la à cabeça. As escadas faziam um perigoso ângulo de noventa graus e, de súbito, estava no meu estúdio. O termo sótão seria demasiado generoso para descrever o meu novo pouso. Nesta ponta do quarto oblongo, havia um sofá-cama encavalitado diante de um aquecedor desligado e, à direita, uma *kitchenette* composta por um fogão elétrico e um lava-loiça com uma pequena prateleira por cima. No outro extremo do quarto, encontrava-se um roupeiro de carvalho gigante que ocupava muito mais espaço do que devia e, atrás de um biombo, via-se o que supus ser a casa de banho.

– *Voilà* – anunciou a *Madame* Moreau, evidentemente impressionada com as suas instalações.

Eu fiquei sem palavras, o que ela deve ter interpretado como um sinal de felicidade. Com um áspero «*Bonne nuit*», e a indicação de que devia descer para a padaria às sete da manhã, saiu do quarto, deixando-me a sós na minha casa de bonecas.

Atirei a mala para cima da cama e a seguir atirei-me também, ficando ali sentada, imóvel, durante muito tempo. O vento assobiava pelas frestas do telhado e fiquei atenta a todos os sons estranhos: o gorgolejar da canalização velha, o gato que miava na rua. A Lua assemelhava-se a uma unha espetada no céu quando espreitei pelo exíguo quadrado da vidraça.

O telemóvel anunciou a chegada de uma nova mensagem, despertando-me do meu pequeno coma. Só podia ser do meu pai, querendo saber se eu tinha chegado inteira a França. Como resposta, anunciei que chegara sem problema, e que já me estava a instalar na minha linda casa nova. A mentirinha deu-me alento para me levantar, desfazer as malas e começar a compor o quarto à minha maneira. Estava habituada a tirar o máximo partido dos espaços pequenos e, embora desejasse que a viagem me tivesse levado a uma situação mais favorável, pensar que as coisas boas às vezes começam mal trouxe-me alguma tranquilidade.



Nessa noite, tive um sono agitado e acordei com ruídos estranhos no edifício. Culpei as madeiras velhas e regressei aos sonhos bizarros, vívidos e perturbadores. A minha mãe, como sempre, entrava neles e estávamos ambas num navio, procurando chegar a algum lado. A dada altura, perdi-lhe o rasto, e passei o sonho freneticamente à procura dela, por todos os conveses. Despertei com o som de um gemido surdo, até perceber que o ruído estrangulado provinha da minha própria garganta. Imediatamente a seguir, soou o alarme do telemóvel, anunciando o amanhecer do meu primeiro dia em Paris. Eram seis horas e já sentia o aroma a pão quente a trepar pelas escadas. Na noite anterior, não me ocorrera sequer perguntar quem era ou onde trabalhava o padeiro. Porém, hoje seria oficialmente o meu primeiro dia no novo trabalho, e em breve ficaria a conhecer o funcionamento interno daquele estabelecimento.

No sótão, ou no ateliê, como preferia chamar-lhe, dando-lhe assim uma estética mais romântica, estava um frio de rachar. Era como se o meu nariz tivesse passado a noite no Polo Norte, na companhia dos meus dedos dos pés. Na verdade, todas as minhas extremidades corriam o sério risco de ganharem queimaduras de frio. O país devia desconhecer o conceito de isolamento térmico, pelo que comecei a acender o pequeno aquecedor com a lenha do cesto que estava ao lado. Um quarto de hora depois, vendo a divisão tão cheia de nuvens de fumo que os olhos já me ardiam, admiti a derrota e liguei o pequeno fogão elétrico portátil para aquecer a água na cafeteira e o próprio quarto. Avancei rapidamente aos saltinhos pelo soalho gelado, e enfiei uns *collants* de lã, bem como um vestido em xadrez vermelho. Há quem diga (entre eles, o meu pai) que março talvez não seja a melhor altura para dar início a uma nova vida no estrangeiro, e os constantes arrepios de frio levavam-me a concordar. Mas a *Madame* Moreau indicara com muita insistência que o gerente-adjunto tinha de começar sem demoras, e só agora é que me ocorria que devia ter perguntado o que acontecera ao funcionário anterior.

Três

Desci com cuidado as escadas quando faltavam quinze minutos para as sete. A *Madame* Moreau empilhava já todos os tamanhos e formatos de baguetes, pães redondos e carcaças dentro dos cestos de vime que se encontravam atrás do balcão. O aroma era inebriante. Os pãezinhos quentes enchiam o ar com um odor fragrante ligeiramente adocicado e robusto, como se nos desse um abraço. Ignorei a minha boca, que já salivava, e alisei o vestido antes de cumprimentar a *Madame* Moreau.

– *Tiens* – foi tudo o que ela me disse, entregando-me um avental azul às riscas.

– *Merci* – respondi com ânimo, ignorando aquele estilo taciturno e monossilábico. – *Madame* Moreau, será que eu poderia dar uma espreitadela aos fornos... sabe, ver onde a magia acontece? – Não sei bem porquê, mas agitei as mãos para transmitir entusiasmo.

O olhar que recebi em resposta só poderia ser descrito como desdém misturado com uma boa dose de irritação.

– Não tem nada qu'ir lá abaixo, nunca.

Fiquei muito chocada ao ouvi-la responder em inglês. Sabia que ela falava um pouco da língua, pois o anúncio, ao informar que Compiègne era um destino turístico bastante popular, assim o indicava. Mas se escolheu aquela afirmação como sendo a primeira que dizia no meu idioma, era porque tencionava deixar bem clara a sua ordem. Nada de idas ao piso inferior.

– Claro, sem problemas. Só pensei que era simpático...

– *Non!* – vociferou ela, os olhos negros fixos em mim de um modo que me enregelou o sangue.

– *Non*, OK, já percebi – respondi como uma criança amuada.

– *Écoutez, Édith* – começou ela, num tom mais conciliatório – o *boulangier*, é a modô que *très* esquisitô com quem entra na cozinhá dele, *hein?* É melhor que *non* saia daqui e tome cónta da loja, *non?*

Infelizmente, os francófonos não têm o som «th» na língua, pelo que fiquei presa ao facto de me ter chamado «Édit».

– *Édith, vous comprenez?*

– Perdão? Oh, sim, certo, compreendi. Padeiro carrancudo, não perturbar – disse lentamente enquanto escrevia no bloco de notas.

– O qu’ é issô? – perguntou a *Madame Moreau*, observando com curiosidade o meu bloco.

– Bem, é onde faço os meus apontamentos. Sabe, eu gosto de escrever tudo para poder consultar, hum, se me esquecer de alguma coisa. – O seu olhar divertido deixou-me perplexa. Mas o que queria a velha rezingona? Eu estava a ser profissional. – E também as encomendas, os clientes fazem-nas, ou não?

A minha resposta fê-la sorrir, o que não era completamente desagradável, porém, continha um laivo de malícia que me perturbou.

– *Ma pauvre*, terrá pôco tempo parra apontamentôs – riu-se ela e continuou a arrumar o pão nos cestos.

Não consigo imaginar como é que uma padariazinha numa pequena cidade provinciana ficaria a transbordar de clientela, mas preferi reservar este pensamento só para mim. Nesse preciso instante, o Manu apareceu à entrada com um ar muito mais alerta e apumado do que na noite anterior. Depois de um coro de *bon-jours*, começou a carregar as caixas de pão numa pequena lambreta, criando uma torre que parecia desafiar a gravidade. Reparando no meu olhar curioso, a *Madame Moreau* informou-me de que o Manu era responsável pelas entregas aos hotéis e restaurantes da região. A padaria poderia ter um ar antiquado, mas o negócio era, pelos vistos, suficientemente organizado e rentável para manter, no mínimo, quatro funcionários.

Como primeira tarefa, ela incumbiu-me de encher a vitrina ao lado do balcão de serviço com *pâtisseries* de fazer crescer água na

boca. Comecei com os clássicos *pains au chocolat* e *croissants*, que repousavam no alto dos enormes cestos. Depois pus duas grandes e redondas tartes recheadas – brilhantes e amarelas como o Sol – na prateleira inferior, à frente, juntamente com uma tarte *Tatin*. A prateleira do meio destinava-se aos salgados, como o *croque-madame* e o *croque-monsieur* e à piza cortada em quadrados, libertando a prateleira de cima para as guloseimas mais tentadoras, como os *éclairs* recheados com *crème fraîche*, as tartes de fruta cobertas com calda de alperce e sem esquecer as pequenas *madeleines* em forma de vieira. Era tudo maravilhosamente apelativo. Conseguia perceber bem o velho ditado que diz que os olhos também comem.

Às sete horas em ponto, a *Madame Moreau* virou ao contrário a placa que dizia *Ouvert* e abriu a padaria aos clientes. Para meu espanto, já se encontravam algumas pessoas à porta, recebidas por ela com um encanto descontraído de que não a julgaria capaz há um mero segundo. Preparei-me para receber o meu primeiro cliente francês, algo confiante de que dominava o essencial da língua para me desvencilhar. Errado! O primeiro cavalheiro que se aproximou do balcão apresentou o seu pedido a tal velocidade que só percebi *bonjour* e nada mais.

– *Ah, pardonnez-moi?* – foi o que consegui dizer num tom de voz que até a mim soou embaraçosamente patético.

– *Je prends deux croissants et une baguette, s’il vous plaît* – repetiu, mas não valeu a pena. Não estava minimamente preparada para a rapidez com que os clientes se exprimiam, nem para os seus sotaques regionais ou o seu calão. Pela primeira vez, e infelizmente com público, descobri que tinha cometido um grande erro. Imenso. Só me apetecia fugir sem olhar para trás.

A *Madame Moreau* passou a apresentar-me aos clientes como «a *Edeet* de Inglaterra». Em qualquer outra ocasião, aquele deslize teria desencadeado uma resposta torta e adequadamente patriótica, mas eu estava a afogar-me e ela atirara-me uma boia.

O homem, a quem o sobretudo e o *chapeau* davam ar de personagem de um filme com detetives, levou a mão ao chapéu e levantou-o ligeiramente.

– Muito prazer em conhecê-la, Edith – disse, pronunciando corretamente o meu nome.

Tinha um olhar bondoso e inteligente e eu lancei-lhe um sorriso grato.

– *Monsieur Legrand est un avocat* – explicou a *Madame* Moreau.

– *Avocat, avocat...* – ecoei, esperando que o sentido se revelasse através da repetição.

– Advogado – esclareceu ele, sendo prestável.

– Oh, obviamente, esse eu sabia – exclamei, como se estivesse num concurso.

Outro levantar cavalheiresco do chapéu e o homem desviou-se para a esquerda, cedendo lugar à próxima pessoa da fila de clientes que, entretanto, já ultrapassava a porta. Eu, que devia servir de ajuda, aparentava atrasar ainda mais o processo. Por fim, decidimos que apontar para os artigos seria a melhor forma de comunicação até que o meu francês melhorasse, e, no geral, funcionou muito razoavelmente.

La Boulangerie et Pâtisserie de Compiègne foi recebendo um fluxo constante de clientes durante toda a manhã. Ainda não me fora confiada a máquina de café, mas já me encontrava a despachar trabalho na caixa registradora, que, felizmente, funcionava como uma simples calculadora. Ao chegar por fim a nossa hora de almoço, ao meio-dia, fui informada de que a padaria fechava todos os dias entre as 12 e as 14 horas. Um horário talvez antiquado, mas o Manu explicou-me que se tratava de uma tradição que *Madame* Moreau fazia questão de manter. A princípio fiquei um pouco desanimada com a ideia de passar duas horas sozinha no sótão apertado, porém, após ponderar um pouco, considereei que podia aproveitar a pausa para tomar uma refeição ligeira e descansar. Nunca tinha apetite para a maioria dos alimentos e, em casa, acabava muitas vezes por comer cereais ao almoço e ao jantar. Foi então que me apercebi de que nem sequer tinha cereais comigo. Os armários da pequena *kitchenette* estavam quase vazios e, por isso, agarrei no casaco e saí para a rua, em busca de um *supermarché*.

A tarde tornara-se um daqueles dias luminosos de primavera que quase nos ofuscam a vista se olharmos para cima. Tudo o que

até então vira da cidade tinha sido o caminho que percorrera, em passo apressado, entre a estação e a padaria, e do qual restava uma lembrança noturna e desorientada de calçadas, portadas fechadas e pouco mais. Mas sair assim, para o exterior em plena luz do dia, animou-me o espírito de um modo que não julguei ser possível. Era como se tivesse sido transportada para o cenário de um filme; reuniam-se aqui todos os *clichés* de uma típica cidade francesa. Embora os nativos não usassem boinas nem camisolas às riscas com réstias de alhos ao pescoço, mexiam-se com um ar presunçoso e sofisticado. E embora as mulheres se vestissem de forma bastante casual em vez de *haute couture*, exibiam um sentido de estilo verdadeiramente distinto dos outros europeus. No entanto, a taxa de fumadores, sobretudo entre os adolescentes, era alarmante. «Pensem nos vossos dentes!», quis gritar às raparigas mais jovens, mas depois lembrei-me vagamente de que, em tempos, também tivera aquela idade em que me julgava invencível, e guardei para mim este conselho.

Como não me queria sentir fora de moda, levantei a gola do meu dispendioso casaco creme para travar a brisa fria e retomei caminho. A nossa rua empedrada albergava diversos estabelecimentos tipicamente franceses. Uma *crêperie* tradicional – com uma fachada de madeira semelhante à da padaria – ocupava uma posição invejável na esquina entre três ruas, seguida de um *tabac* (ou quiosque de jornais, para efeitos práticos) e um *salon de thé*, ou salão de chá. Observando esta rua, era fácil acreditar que os franceses passavam a vida sentados a satisfazerem os seus apetites. No entanto, nós não éramos os únicos com uma longa pausa para almoço: todas as lojas estavam fechadas. Era notável avaliar as diferenças entre as nossas culturas – atitudes como estas seriam impensáveis na minha terra.

Passei sem destino, virando para uma rua e para outra, observando uma cena que parecia retirada de um postal: um grupo de velhotes a jogar *boules* ou *pétanque* num belo parque chamado Parc de Songeons. Tudo tinha um ar lânguido, as árvores balançavam ao sabor da brisa, os homens discutiam sem agressividade, tentando decidir que bola tinha ficado mais próxima do alvo. Virando à direita a seguir ao rio, dei por mim na parte mais moderna da

cidade, onde as *brasseries* fervilhavam de clientes sentados nas esplanadas, desfrutando do ambiente. Era como sair de um túnel do tempo e encontrar bancos, escritórios e trânsito movimentado. Por alguma razão, pareceu-me um pouco opressivo. As elegantes fachadas de pedra clara com portadas brancas tinham um ar arrogante, eram um tudo-nada perfeitinhas de mais. Encontrei um supermercado Monoprix e senti-me completamente mimada pela sua diversidade de produtos frescos, como queijo e fruta, embora a oferta de outros tipos de produtos fosse bastante menor. O mais próximo que havia de um chá decente era o *English breakfast* e, quanto ao leite, a situação era tão confusa que me vim embora sem trazer nenhum.

Acabei por encontrar o caminho de regresso à Rue de Paris e fiquei a olhar para a curiosa porta exterior da parede oriental do edifício, aquela que dava acesso à cave e, portanto, aos fornos. A rua tinha inclinação e a casa, quando vista de frente, tinha a loja ao nível da rua e, por cima, mais três andares, mas de lado parecia mais alta, com a porta da cave à vista. Essa porta estava pintada de um azul profundo e tinha uma maçaneta decorativa de latão que parecia antiga. O aspeto sugeria que a entrada não era usada, o que me deixou curiosa para saber como é que os ingredientes entravam e o pão saía. Tinha dúvidas de que a mercadoria passasse toda pelo espaço da loja.

Espreitei furtivamente para ambos os lados da rua antes de tentar rodar a maçaneta. Nem sabia o que me levava a agir assim, pois era certo que estaria trancada, mas, para meu espanto, cedeu sem dificuldades. Voltei a olhar à minha volta, incapaz de afastar a sensação de que estava a ser observada. Mal abri ligeiramente a porta, esta voltou a fechar-se com força, como se uma rajada de vento vinda do interior a puxasse. Agarrei novamente na maçaneta, mas ficara encravada e por muita força que fizesse, não a consegui abrir.

Quatro

Já de regresso à minha pequena casa torta, preparei um lanche de bolachas, uvas... e queijo *camembert*, cujo odor a meias que haviam sofrido uma provação horrível me fez resignar à ideia de que ia ser um gosto adquirido. Acompanhei com um chá preto esquisito que acrescentou um amargor invulgar ao choque de sabores dentro da minha boca.

– Bem, já chega – disse para mim mesma, antes de despejar o resto na pia e lavar a minha única e solitária chávena. Ouvia ruídos no apartamento por baixo de mim, e comecei a achar que aquele seria o andar em que vivia a *Madame* Moreau. Não me atrevera a perguntar-lhe tal coisa ontem à noite, e ela não era propriamente pessoa para nos encher de informações. Caí no sofá-cama e tentei outra vez travar amizade com a estranha estrutura em forma de salsicha que ocupava o lugar onde, normalmente, haveria uma almofada. Refleti sobre estas primeiras horas em França que, para ser honesta, tinham parecido uma vida inteira.

É o que acontece quando saímos da nossa zona de conforto: o tempo torna-se elástico, prolongando o desconforto e o mal-estar, e acentuando o isolamento. Estava à espera de encontrar uma chefe velha e rabugenta e viver numa caixa de fósforos quando respondi ao anúncio todos aqueles meses antes? Terei realmente pensado que o facto de me instalar num país estrangeiro apagaria as recordações dolorosas do último ano e meio? Estaria a iludir-me, julgando que realizar o sonho de viver em Paris me traria felicidade? Todos os pensamentos que me passavam pela cabeça diziam que eu era

idiota – seria mais inteligente partir logo que possível, em vez de prolongar a agonia. Mas o coração não me deixava: apesar do frio acolhimento e da parvoíce de querer realizar um capricho de infância, o meu coração dizia que algo fantástico havia de acontecer. E poderia eu intrometer-me no caminho do meu coração?



Trabalhei a tarde inteira com uma dedicação especial. *Só tens de aguentar até ao fim do dia*, encorajava-me em silêncio, esperando que a minha confiança aumentasse com cada cliente atendido. É verdade que apareciam muitos turistas na loja, a maioria para tirar fotografias a uma *boulangerie* pitoresca. Era um alívio poder conversar com as pessoas em inglês após um longo dia de francês incorreto e de linguagem gestual improvisada. Levei um pedido de café com *éclairs* a um homem sentado numa das mesas da esplanada. Tinha um *terrier* pequenino e engraçado com uma trela, ao qual dei uma tigela cheia de água.

– O seu sotaque é irlandês?

– É sim – disse eu, aproveitando para recuperar o fôlego e encher os pulmões de ar fresco. – E o seu é, sem sombra de dúvidas, inglês. Está aqui de férias?

– Vivo aqui há cerca de vinte anos – respondeu. – E a menina?

– Oh – disse eu, inspirando o ar pelo meio dos dentes e conferindo o relógio de pulso –, há cerca de vinte e quatro horas.

– Ah, bem, nesse caso, bem-vinda a Compiègne. Chamo-me Geoff, já agora – apresentou-se ele, apertando-me a mão –, e esta querida menina é a *Ruby*.

Debrucei-me e afaguei rapidamente as orelhas da *Ruby*.

– Sou de Bristol e vim para aqui quando me reformei. Bem, digo que me reformei, mas trabalho em *part-time* como guia turístico, principalmente para os entusiastas da guerra que querem ver o Memorial do Armistício – explicou, antes de abocanhar com vontade o *éclair*.

– Então, o que é o... armistício, é isso?

– Bem, é um dos locais mais importantes de França no que respeita às duas Guerras Mundiais – começou, entrando em modo de guia turístico. – Os Aliados assinaram o armistício com os alemães na Primeira Guerra Mundial, no interior de uma carruagem de comboio no meio da floresta de Compiègne. Em 1940, os franceses assinaram um armistício com a Alemanha nazi na mesma clareira; era assim que o Hitler humilhava os inimigos. É deveras interessante, devia fazer uma visita se tencionava passar algum tempo na região – entregou-me o seu cartão e disse: – Não me leve a mal a pergunta, mas porque é que veio para Compiègne?

– Vim a mando do destino – respondi, esperando que fosse verdade.



À medida que a noite ia caindo e os residentes de Compiègne voltavam para casa com baguetes na mão, o Manu regressou e ajudou a encerrar a loja. Poucas eram as palavras que nos dirigia, como seria próprio de um adolescente, embora houvesse uma evidente ligação entre ele e a *Madame* Moreau. Ela não precisava de lhe explicar as tarefas, pois ele cumpria com afinco a rotina que ambos forjaram muito antes da minha chegada. Quanto a mim, os meus pés ardiavam de dores após um dia inteiro sem me sentar, mas não quis dar a ninguém a satisfação de me ver fazer uma pausa. Pela forma como era tratada pelo Manu e pela *Madame* Moreau, nenhum dos dois acreditava que a estrangeira durasse muito tempo e, embora não quisesse desanimar, de certo modo concordava com eles.

O Manu ajudou-me a levantar as cadeiras e a pô-las em cima das mesas para eu poder lavar o chão com a esfregona, enquanto a *Madame* Moreau contava o dinheiro da caixa.

– *Ça va?* – perguntou ele gentilmente, levantando a cabeça e lançando um olhar pela padaria, como quem pergunta se me estou a adaptar bem.

– *Ça va*, acho eu – sorri de esguelha. As suas palavras simpáticas quase fizeram estalar o duro verniz que eu, com pouco êxito, tentava manter. Limpei os olhos como se estivesse cansada.

Com um aceno rápido, ele encaminhou-se para a cozinha, encheu um copo enorme com água da torneira e emborcou-o de uma só vez.

– *J’y vais* – informou, levando mais caixas consigo, voltando a empilhá-las na lambreta parada à porta.

Percebi que quisera dizer que ia a algum lado, mas aonde? Foi assim que assinalou o final da nossa conversa profunda e significativa.

– Ele faz entregas, quero dizer, *livraisons* a esta hora da noite? – perguntei à *Madame* Moreau quando ela trancou a porta mal ele saiu, pois o relógio marcava as oito.

Em vez de responder à pergunta, como qualquer pessoa normal, a minha nova patroa fazia-nos sentir parvas por termos sequer colocado a questão.

– *Non.*

– Está bem, compreendido, ou *bien compris*, como dizem aqui. Não faça perguntas ridículas, minha simplória estrangeira – murmurei, limpando as prateleiras de vidro sob o balcão quando, de repente, ela apareceu ao meu lado como uma aparição.

– Ele faz entregas à igreja, *Mademoiselle Édith, pour les gens SDF, Sans Domicile Fixe.* – E, perante o meu olhar vazio, acrescentou.

– Pessoas que não têm onde viver.

Com esta resposta irritada, apagou as luzes e lançou um «até amanhã de manhã, à mesma hora» que mais soou a ameaça.

– Ah, sim, pai, as pessoas aqui são muito acolhedoras, e dou-me muito bem com a dona, a *Madame* Moreau – contava ao meu pai, durante o telefonema do serão.

Era estranhamente agradável inventar aquele sonho francês que, antes de chegar à cidade, esperei poder viver, e fazia-o tão bem que eu própria quase acreditei nele.



Depois do demorado dia de trabalho, decidi dar um passeio pelo *quartier*, respirar o ar fresco e revigorante da noite. Fazia-me bem ao coração e à alma sair e explorar um pouco o bairro. As ruas estavam iluminadas por candeeiros elegantes e trabalhados como

o cajado de um pastor. As estradas pitorescas de Compiègne tinham sem dúvida um encanto próprio, mas eu sentia-me longe de casa e pateticamente sozinha. Esta mania de seguirmos os nossos sonhos era muito diferente do que tinha imaginado. Onde estavam aqueles amigos divertidos que já devia ter feito, aquelas experiências divertidas que já devia estar a viver? Assisti a filmes suficientes para ter noção do que era suposto acontecer a quem dá ouvidos aos desejos da alma, mas nenhuma dessa magia do grande ecrã parecia estar a resultar aqui. A experiência revelava-se aborrecida, solitária e um pouco assustadora – nada mais. Tudo o que me sucedeu desde que o avião aterrou no Aeroporto Charles de Gaulle limitara-se a confirmar a minha suspeita de que ter vindo fora um erro.

Passei por um cabeleireiro, na movimentada Rue Solferino, e vi a fotografia de uma modelo que usava um penteado *gamine* ao estilo Audrey Hepburn. O tom era castanho-escuro, bastante semelhante ao meu. Mas aquelas madeixas cortadas ilustravam a essência do chique, enquanto o meu cabelo comprido e sem forma carecia de um estilo definido. Revirei, distraidamente, uma mecha entre os dedos, pensando se me ficaria bem.

– *Ça vous irez bien* – disse uma voz masculina.

Virei-me para trás, mas ele já seguira em frente pela rua. Olhou para mim, momentaneamente, com um sorriso sedutor, porém, antes que eu pudesse reagir, o homem já tinha dobrado a esquina, desaparecendo de vista. Acho que ele quis dizer que o penteado me ficaria bem.

Afinal, talvez Compiègne não fosse um erro assim tão grande.